

A Poesia em Tempos de Guerra: Algumas Reflexões em Torno de *Trocando Olhares*, de Florbela Espanca

Vivian Leme Furlan

UFSCar/PPGLit

Resumo: Entre 1915 e 1917, anos em que os olhares mundiais se voltavam para os conflitos bélicos, Florbela Espanca realiza a escrita dos poemas daquela que será sua primeira obra, conhecida como *Trocando Olhares*. Embora evidencie e antecipe alguns temas comuns do seu projeto de escrita, tais como a dor cósmica do amor, a alma feminina e a saudade, *Trocando Olhares* abriga também a expressão da alma de uma poetisa apaixonada pela pátria, elevando a memória do seu país. Pretendemos, portanto, nesta leitura, observar algumas formas como a poetisa escrevia nos tempos em que sua pátria encontrava-se envolvida em conflitos bélicos e como estes eventos acabaram sendo perspectivado nos poemas. Numa espécie de “troca de olhares” com a poesia florbeliana, refletiremos sobre as manifestações da guerra na literatura e também as relações sociais e culturais do país na época, efabuladas em alguns de seus textos poéticos.

Palavras-chave: poesia florbeliana, guerra, nacionalista

Abstract: Between 1915 and 1917, years in which the world watches armed conflicts, Florbela Espanca performs writing the poems of what will be her first work, known as *Trocando Olhares*. Although evidences and anticipate some common themes of her writing project, such as the cosmic pain of love, the feminine soul and the missing, *Trocando Olhares* also keeps the soul expression of a poet in love for her country, raising the memory of it. The purpose with this reading is watching some ways the poet wrote in the days that her country were involved in military conflicts and how these events were eventually envisaged. A kind of "exchanging glances" with florbelian poetry, aiming the reflection on war events in the literature and also the country social and cultural relations at the time, shown in some of poetic texts.

Keywords: Florbela's poems, war, nationalist

No viés de composições líricas que investem o olhar para as manifestações artísticas no período da Primeira Guerra Mundial e o sentimento nacionalista que pairava nos países envolvidos, não se pode obliterar da obra de Florbela Espanca uma perspectiva, de maneira geral, muito sensível às essas circunstâncias que atingiam a Europa e Portugal. Todo o lirismo próprio de uma alma sofrida, como a efabulada por Florbela Espanca, é atentamente trabalhado pela poetisa nessas primeiras décadas do século XX, como se nota em poemas como “À Guerra”, em que canta um Portugal fervoroso rumo às trincheiras e em alguns outros poemas, incluindo aqueles em que se consterna pela dor dos familiares dos soldados. Tal perspectiva também pode ser observada em “Meu Portugal”, ou em “Paisagem” e “No Minho”, onde revela o deslumbramento que sente ao contemplar as paisagens locais.

Uma das mais importantes mulheres em Portugal no século XX, ou “no seu tempo, a melhor poetisa portuguesa” (Lopes 1997: 30), como a chamará Óscar Lopes (1997), Florbela era frequentadora de bibliotecas, e, posteriormente, tornar-se-ia, além de escritora, colunista de jornais. Filha de João Espanca, republicano quase anarquista, Florbela mantinha desde muito jovem seus laços com inquietações políticas provenientes de seu pai, o que explica, de certo modo, sua veia republicana. Acima de tudo, era uma mulher apaixonada pelas Letras e pelas Belas Artes e que estava sempre a escrever sobre angústias e amores. Em 1916, Florbela e seu primeiro marido mudam-se de Évora para Redondo. Lá, seria o local em que a poetisa reunira uma seleção de mais ou menos trinta poemas, da sua produção literária desde 1915, que, em seguida, completaria com produções posteriores.

O conjunto de poemas, contos e anotações produzidos nesta época funcionaram como pilares para vários projetos, tais como: *Trocando Olhares*, *Alma de Portugal*, *O Livro d’Ele*, *Minha Terra*, *Meu Amor*. Também desse manuscrito, a poetisa extraiu as antologias *Primeiros Passos* (1916) e *Primeiros versos* (1917), amostras da sua criação que tentou publicar sem êxito. Destas, ainda surgiram mais tarde os consagrados *Livro de Mágoas* (1919) e o *Livro de Sórora Saudade* (1923). O manuscrito de *Trocando Olhares* de quarenta e nove folhas, contendo os oitenta e cinco poemas, consta no espólio da Biblioteca Nacional de Lisboa¹. *Trocando Olhares*, portanto, funcionou como uma espécie de obra gestativa,

pois, embora seus poemas tenham sido publicados posteriormente, foram encontrados como matrizes de seus futuros planos poéticos. Segundo Fábio Mário da Silva, no prefácio desta edição,

Florbela tinha exatamente a consciência de quais temáticas se adequavam aos livros que queria publicar. O *Trocando Olhares* foi essencial para que ela repensasse até o seu fazer poético e, é extremamente importante conhecermos esse manuscrito que serve como as colunas sobre as quais se ergueram suas obras. (Silva, apud Espanca: 14)

A esta altura, o país já sofrera um momento de instabilidade política com a derrocada da monarquia e a entrada da Primeira República em 1910, tornando-se palco de greves e manifestações pela subida do custo de vida, mas principalmente palco de portugueses que se opunham a participação portuguesa na guerra.

Por outro lado, Portugal presencia uma “crescente força e divulgação, não apenas de novas ideologias, mas também de novas formas de olhar e refletir sobre o Homem e o mundo (novas correntes filosóficas e a psicanálise de Freud, por exemplo) lançam alicerces de diferentes atitudes culturais geradoras de diferentes tendências estéticas” (Dine & Fernandes 2000: 19), a saber, no campo artístico, observa-se a efervescência modernista com a geração de *Orpheu*, com Fernando Pessoa, Mario de Sá- Carneiro, Almada Negreiros e outros artistas preocupados com a renovação das Artes. A propósito, a primeira edição da revista é publicada em 1915, exatamente o mesmo ano de gestação dos manuscritos florbelianos de *Trocando Olhares*.

Muito já se questionou sobre Florbela pertencer ou não ao movimento modernista português. Embora a poetisa não seja ligada claramente a nenhum movimento literário deste teor, posto que seus célebres sonetos partilham da herança sentimentalista neo-romântica anterior aos vanguardistas, não se pode esquecer que a poetisa bardo, como bem a denominou Agustina Bessa-Luís (1979) no seu texto biográfico sobre a autora de *Charneca em flor*, partilha em temática e em causa com os seus companheiros modernos², pela forma de abordar o erotismo, o corpo feminino, a liberdade amorosa, a instância

feminina de uma maneira especialmente perturbadora. Neste sentido, esclarece Renata Soares Junqueira que

É verdade que Florbela não participou do movimento modernista e que nem sequer chegou perto das inovações formais com que Fernando Pessoa e os seus companheiros de geração transformaram a linguagem poética. Mas também é verdade que ela os acompanhou, a par e passo, no gosto das grandes mascaradas [...] (Junqueira 2003: 18)

Embora o processo de desfragmentação do sujeito não seja um recurso tão nítido e inovador como em Fernando Pessoa, por exemplo, o exercício poético de Florbela Espanca não é, contudo compacto ou empobrecedor, visto que nele encontramos um sujeito lírico que, embora não se disperse nitidamente em heterônimos, também se desfaz, se autointerroga, demonstrando sua incompletude na eterna procura de um outro, de um amor maior, de um prazer sempre mais intenso. E por mais que sua obra estivesse numa situação crepuscular em relação aos movimentos literários da época, não se pode esquecer de sua universal importância artística em relação a liberdade de escrita feminina.

Embora a maioria dos versos de *Trocando Olhares* se situe no campo das paixões humanas, destacando-se o tom sentimental como o elemento temático mais profundo nas obras de Florbela Espanca, o recorte aqui eleito incide justamente sobre alguns poemas com um nítido viés nacional, preenchidos de referências aos locais de suas origens e de exaltação à pátria. São poemas em que o sujeito lírico demonstra uma atenção aos acontecimentos de seu país, principalmente no que se refere ao contexto político da Primeira Grande Guerra. Tal preocupação fica visível, por exemplo, na quadra “No Minho”, onde a menção a Portugal se realiza pela exaltação da beleza da região nortenha, comparado a um tesouro, espaço de deleite e morada das fadas:

Casitas brancas do Minho
Onde guardam os tesouros,
As fadas d’olhos azuis
E lindos cabelos loiros. (Espanca 2009: 27)

Já no soneto “Paisagem”, o eu lírico descreve um sereno cenário campestre, habitado por um casal apaixonado, numa nítida alusão a uma tela que sua pátria permite admirar. O êxtase de tal contemplação é atingido nos versos finais, quando exalta de maneira incisiva: “Minha terra d’amor e de ventura,/ Ó meu amado Portugal!”. (Espanca 2009: 73)

Se, por um lado, é possível vislumbrar um tom celebrante das paisagens nacionais, não se pode obliterar a presença de uma preocupação e uma consternação pelas mães, que são, primeiramente, mulheres como ela, cantadas ao longo de seus versos. Em “Às Mães de Portugal”, por exemplo, o eu lírico eleva a figura materna ao nível do divino, do celestial (talvez, até por isso, a expressão apareça em letra maiúscula?), e, assim fazendo, não deixa também de elevar as mulheres a este nível: “Ó mães doloridas, celestiais / Misericordiosas”. São mulheres de olhos benditos, mas também são elas que veem a vida de seus filhos serem lançadas a sorte das batalhas.

Aqui, o eu lírico volta-se diretamente para essas mães misericordiosas em um tom de súplica, para que acalantem os corações e suas dores em nome da vitória de seus filhos na “crua guerra”, defendendo a pátria, a sua “linda terra”:

Calai as vossas mágoas, vossas dores!
Longe na crua guerra
Vossos filhos defendem, vencedores,
A nossa linda terra! (*ibidem*)

Embora exista um compadecimento pelas vidas que se perdem em sofridas batalhas, prioriza a exaltação da linda pátria combatente, da vitória portuguesa, conforme se notará no decorrer do poema. Há também o questionamento pela fraqueza dessas mães em nome, acima de tudo, da vitória de Portugal, ao afirmar:

E se eles defendem a bandeira
Da terra que adorais,
Onde viram um dia a luz primeira
Ó mães, porque chorais?!
Uma lágrima triste, agora é

Cobardia, fraqueza! (*ibidem*)

Mas, o que nos salta aos olhos nestes versos é a relação entre a pátria portuguesa e a maternidade, em um tom de justificativa pelo “roubo” destes filhos e pelo silenciamento da dor das mães, tudo em nome do sucesso de Portugal na Guerra:

A Pátria rouba os filhos, mas é mãe
A mãe de todos nós
Direito de a trair não tem ninguém
Ó mães nem sequer vós! (*ibidem*)

Há aqui um certo inconformismo diante da situação reclamada da mães, que por mais que seja compreendida pelo eu lírico, não é maior, entretanto, que a dor da própria pátria combatente.

Em seguida a este poema, deparamo-nos com o soneto “À Guerra”, certamente, em toda obra, o texto que mais salienta a exortação bélica, em versos de nítido cariz nacional. A exaltação da pátria portuguesa combatente vem expressa em toda estrutura do poema. Inicia-se com um peculiar cenário bélico, onde é possível imaginar-se o levante de Portugal, rumo a guerra: “Fala o canhão. Estala o riso da metralha / Os clarins muito ao longe tocam a reunir” (*idem*: 74). Nota-se aí uma certa ironia, sobretudo, na expressão “o riso da metralha”, uma vez que o som do disparo da arma é representado pela imagem do riso, mas a sua consequência é o sofrimento e a morte.

No entanto, em seguida, nos versos “O Deus da guerra ri nos campos de batalha/ e tu, ó Pátria, ergues-te a sorrir!”, parece o eu lírico apontar para uma reiteração daquele e também deste riso, uma vez que ambos podem ser justificados pelo divino, perante o triunfo português. O soneto segue inteiro em tom de estímulos aos soldados, já elevados ao patamar heroico (mesmo mortos, no túmulo) por lutarem pela pátria: “Levas no heróico seio a alma das mulheres / E ergue-se contigo a alma de teus vates! // Levanta-se do túmulo a voz dos teus heróis, / Cintila em tua frente o brilho desses sóis” (*ibidem*).

Na estrofe final, a voz quase divina de D. Nun’Álvares³ aparece para, mais uma vez, incentivar os combatentes em busca da vitória, salientando a força portuguesa na guerra:

“Nun’Alvares arranca a espada de glória / E diz-te em voz serena: “Em busca da vitória / Meu belo Portugal, combate até morrer!” (*ibidem*).

Ainda nesta observação de poemas com ênfases temáticas sobre a exaltação da pátria, há, em *Trocando Olhares*, textos como “Cravos Vermelhos” e “Meu Portugal”, que não podem ser esquecidos, sobretudo, quando se aborda a problemática e a complexidade da situação da guerra e o enaltecimento da Pátria e dos seus representantes no conflito bélico europeu. Infelizmente, por motivos de tempo, esta análise ficará para uma oportunidade futura.

É preciso lembrar, finalmente, que, embora a estrutura dos versos de *Trocando Olhares* seja muito harmoniosa, pode ser considerado um livro de poemas ingênuos, por se tratarem de versos em que a maturidade poética de Florbela ainda não havia sido muito trabalhada. Além disso, como se nota, trata-se de uma obra de poemas de temas muito variados, que não representa ainda, como era de se esperar, a personalidade poética madura de Florbela Espanca. A própria poetisa demonstra uma certa insegurança inicial com seus primeiros versos, visto que, em uma carta dirigida ao amigo e crítico Raul Proença, após ele ter criticado (embora de maneira muito positiva) alguns de seus textos, incluindo “As mães de Portugal”, Florbela responde: “Estou bastante desanimada com tudo o que me diz dos meus versos. Estou a ver que decedidamente nada farei com geito se bem que eu nunca tivesse a vaidosa pretensão de escrever obras-primas. Afinal absolutamente nenhum soneto lhe pareceu bom?”⁴. Insegurança que, felizmente, nada modificou a poetisa em continuar produzindo com justeza e beleza a altura de seus versos.

A troca de olhares que aqui foi proposta nos permitiu observar a expressão poética de uma artista que, muito além da competência em moldar sonetos, mostrou-se capaz de criar uma expressão lírica extremamente fervorosa e apaixonada pelo sua pátria, com uma vívida preocupação com o povo português e com os acontecimentos políticos do país. Mas, para além disto, há-de se destacar a presença de um sujeito lírico muito atento as diversas manifestações do mundo e das pessoas que a rodeavam. Neste sentido, ficamos a nos interrogar se esta descida da “Torre de Marfim” não poderia representar uma atitude de vanguarda frente às influências dos sonetistas antecessores?

Além de representar tal preocupação, a grande marca de sua existência artística reside na sua categoria feminina, na sua expressão sentimental do amor de uma maneira muito livre, muito feminina, característica que a fez amargar, de certa maneira, um esquecimento proposital em virtude do incômodo que esta “Alentejana livre”, na feliz expressão de Óscar Lopes (1997), causava nos setores mais conservadores de sua época. A escrita florbeliana, em sintonia com as manifestações modernas, atinge a dispersão do eu, chegando-se ao outro de maneira muito peculiar, não pela desfragmentação total, mas através da condescendência de seus versos, onde há uma espécie de pacto do leitor com a força sentimental dos seus temas, tão comuns da alma humana. Florbela Espanca atinge com sua fortuna literária (e *Trocando Olhares*, embora primevo, tenha papel fundamental neste percurso) o ápice da função poética, ou melhor, da realização como artista, quando o que escreve atinge o estado de espírito do leitor de uma maneira universal, percorrendo todo o século. Volvidos cem anos depois da Primeira Guerra Mundial, os textos de Florbela constituem um testemunho vivo de uma mulher que soube olhar o seu tempo e deixar registrado nos seus versos que a poesia se faz em tempos de conflitos, mas que estes não podem apagar a marca do humano.

Bibliografia

Dal Farra, Maria Lúcia (2012), *Afinado Desconcerto: contos, cartas e diário de Florbela Espanca*, São Paulo, Iluminuras.

-- (2007), “A Florbela de Agustina”, *Labirintos*, Disponível em: http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/01_2007/01_artigo_maria_lucia_dal_farra.pdf

-- (2007), *A Margem dum soneto/O resto é perfume*: Florbela Espanca. Posfácio e fixação do texto, Rio de Janeiro, 7 Letras.

-- (1994), *Florbela Espanca*, Rio de Janeiro, Agir Editora.

-- (1996) “Florbela: um caso feminino e poético”, in Espanca, Florbela, *Poemas*. São Paulo, Martins Fontes: V-LXI.

Espanca, Florbela (2009), *Trocando Olhares* (1985), São Paulo, Martin Claret.

-- (2003), *As Máscaras do Destino*, São Paulo, Aquariana.

-- (1981), *Diário do Último Ano*, pref. Natália Correia, Lisboa, Livraria Bertrand.

-- (1982), *O Dominó Preto*, pref. Y.K. Centeno, Lisboa, Livraria Bertrand.

-- (1996), *Poemas de Florbela Espanca*, Edição de Maria Lúcia Dal Farra, São Paulo, Martins Fontes.

-- (1994), *Trocando Olhares*. Estudo introdutório, estabelecimento de texto e notas de Maria Lúcia Dal Farra, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

Junqueira, Renata Soares (2003), *Florbela Espanca: uma estética da teatralidade*, São Paulo, Editora Unesp.

Lopes, Óscar (1997), “Florbela, a Alentejana Livre”, in Lopes, Óscar *et alii.*, *A planície e o abismo* (Actas do Congresso sobre Florbela Espanca realizado na Universidade de Évora), Lisboa, Veja: 23-20.

Silva, Fábio Mário da (2009), *Prefácio*, in Espanca, Florbela, *Trocando Olhares* (1985), São Paulo, Martin Claret.

Vivian Leme Furlan é graduada em Letras (Licenciatura em Português-Inglês), pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde, atualmente, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit-UFSCar), com projeto de pesquisa sobre a questão genológica e a escrita de autoria feminina com Bolsa CAPES/ProPG/UFSCar.

NOTAS

¹ A coletânea foi parar nas mãos de Rui Guedes, vendida ao Estado Português e publicada postumamente “estapafurdidamente”, no ano de 1957.(Dal Farra *apud* Espanca 1996: XVIII). Mais tarde, foi publicada em 1994 em Lisboa pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, com um estudo introdutório, estabelecimento de textos e notas de Maria Lúcia Dal Farra.

² Fernando Pessoa, em um poema datilografado e não datado de nome “À memória de Florbela Espanca”, descreve-a como “alma sonhadora/ Irmã gémea da minha!”. (Dal Farra, *apud* Espanca 1996: XXVI)

³ D. Nuno Álvares Pereira também conhecido como o Santo Condestável, hoje São Nuno de Santa Maria, ou simplesmente Nun' Álvares foi um nobre e guerreiro português do século XIV.

⁴ Carta de Florbela a Raul Proença, localizada em Quelfes (Olhão) e datada de 7 de Maio de 1918 (B.N. Esp. E7/865).